

## Greve & discurso

Caio Navarro de Toledo

**Como citar:** TOLEDO, Caio Navarro de. Greve & discurso. *In*: LOUREIRO, Isabel; DEL-MASSO, Maria Candida (org.). **Tempos de greve na Universidade Pública**. Marília: Oficina Universitária, 2001. p. 147-150. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-20-4.p147-150>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## GREVE & DISCURSO<sup>1</sup>

Caio Navarro de TOLEDO<sup>2</sup>

Conjunturas de tensão e lutas sociais são momentos privilegiados para a análise e o conhecimento críticos das convicções políticas e ideológicas dos agentes sociais e políticos. Nestas circunstâncias, o discurso – ao ser cotejado com a prática efetiva dos atores – pode revelar sua consistência, seu valor e seus limites. Neste brevíssimo, esquemático e (talvez) polêmico comentário, tomemos o caso particular dos intelectuais universitários *progressistas* e da grande imprensa, pois estes dois atores, neste momento da greve, dizem-nos muito respeito.

Nas aulas, conferências, artigos e livros, alguns professores afirmam-se democratas radicais, libertários, igualitaristas e, ultimamente, críticos acerbos da *barbárie neoliberal*. No entanto, quando as assembléias de suas associações decretam greve por reajuste salarial, raramente são vistos em debates e ações coletivos. Talvez, não desejando serem identificados com o chamado *baixo clero* (estigmatizado também pela alcunha de *sindicalista*) – que vai à luta e suja as mãos no estafante dia-a-dia da construção do movimento reivindicador –, estes docentes progressistas parecem preferir outros (sutis) cenários de atuação. É certo que o apoio ao movimento não se dá apenas em reuniões e manifestações externas, porém é inegável que gestos (simbólicos e concretos) de solidariedade à greve, por parte desses acadêmicos, sempre são tênues senão inexistentes. (Deixamos de comentar aqui o comportamento *absenteísta* de outra parcela dos acadêmicos: os da *esquerda radical*; estes, que consideram as reivindicações do movimento grevista de

---

<sup>1</sup> Rezam os manuais que, nas democracias políticas, a mídia busca a objetividade, a neutralidade e o pluralismo. Nos momentos das greves e das lutas sociais, no entanto, o belo discurso proclamado pela mídia se desmancha no ar...

<sup>2</sup> Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

natureza *pequeno-burguesa*, certamente aproveitam o momento para se dedicarem às tarefas mais relevantes para a revolução social... De toda maneira, democratas e radicais de esquerda – incluindo, obviamente, os conservadores e liberais que não movem uma palha pelo movimento –, não abdicarão dos incrementos em suas contas bancárias, caso a greve alcance seus objetivos salariais imediatos!). Talvez possa ser dito que os acadêmicos progressistas buscam refletir sobre a *dialética social* através do princípio metodológico que reivindica uma radical ruptura da teoria com o debate coletivo e o movimento das ruas. Afinal, indagam, poderá haver vida *inteligente* nas assembléias, nas praças e nas ruas ?

Estratégia primeira na atual conjuntura brasileira: *silenciar* sobre os movimentos que reivindicam ou protestam contra a política social do governo. No entanto, quando eles irrompem de forma aberta na cena social, a estratégia seguinte passa a ser a da desqualificação das bandeiras e das propostas de luta desses movimentos. Governo e mídia, na atual conjuntura, são unânimes em estigmatizar : baderneiros, arruaceiros e ... *fascistas!*

Agora, por ocasião da cobertura da “batalha da Avenida Paulista”, a grande imprensa, sem nenhuma exceção, responsabilizou a PM e os manifestantes pelos “lamentáveis acontecimentos”! Como afirmou um prestigioso jornal de São Paulo, “há pleitos *justos* (noção abstrata e idealizada, CNT) e há restrições financeiras de *monta* (noção concreta e real, CNT),mas o que não pode haver é a disposição para batalhas campais, *de parte a parte*” (grifos nossos).

Todos que saem às ruas para reivindicar e protestar devem saber que passeata não é procissão, nem é razoável esperar da polícia, no mais democrático regime político do mundo, flores e pombas na mão. Sim, pedras foram atiradas, aqui e ali, contra a tropa; policiais foram atingidos, como repetem e enfatizam os noticiários da TV, rádios e jornais. No entanto, nenhum informativo procurou mostrar que *a desigualdade de forças era incomensurável nesse momento*. Raríssimos foram os jornalistas que lembraram que a PM agiu como nos momentos mais agudos da ditadura militar. A “praça de guerra” foi obra e graça da ação ostensiva da tropa de choques – intimidando,

acuando e reprimindo os manifestantes.

No noticiário da noite da TV Cultura, emissora que estatutariamente está sob o controle da “sociedade civil” paulista, a descrição dos acontecimentos em nada se distinguiu das televisões privadas. Pior do que isso: sem que nenhuma liderança das dezenas de movimentos ali presentes fosse ouvida (afirmam os *manuals* que as partes envolvidas num confronto devem ser sempre contempladas numa matéria jornalística), a reportagem concluía com a palavra definitiva e peremptória do Secretário da Segurança do governador Mário Covas: *não houve excesso por parte da PM*. A ameaça seguia-se de imediato: se os manifestantes voltarem à Avenida Paulista – centro financeiro do estado de São Paulo –, as tropas agirão de forma idêntica (ou pior?)!

Os governos democráticos da aliança PSDB-PFL (Paraná, Bahia e São Paulo) mostram a sua verdadeira face. Democracia é boa no discurso; nas ruas, nas praças e nos campos, como já diziam os velhos oligarcas, vale mesmo um bom, longo e vigoroso cassetete. Naqueles tempos, se afirmava que a “*questão social é caso de polícia*”; hoje, o sociólogo-Presidente – Doutor *honoris-causa* em conspícuas universidades de além-mar – exige “tolerância zero” (expressão policial cunhada no império para o combate à criminalidade) diante dos movimentos sociais (*Folha de S.Paulo*, 21/5/2000).

O *discurso* sofre mudanças, para pior; a *prática* continua a mesma de sempre.